

## Construindo a si mesma como docente de música: recortes da trajetória de uma professora travesti

### Comunicação

*Yanaêh Vasconcelos Mota*  
*Universidade Federal do Rio Grande do Sul*  
*Universidade Federal do Ceará, campus Sobral*  
*yanaeh.mota@ufc.br*

**Resumo:** Esta comunicação é derivada de uma pesquisa de doutorado em andamento que tem como objetivo geral compreender a inter-relação entre transgeneridade e docência de música a partir da trajetória de formação e atuação de três pessoas trans\* e/ou travestis licenciadas em música. Para alcançar esse objetivo geral, busquei responder às seguintes questões: 1) Quais caminhos docentes trans\* e travestis percorreram para inserir-se na docência de música? 2) Como docentes de música trans\* e travestis negociam com a ordem heterocisnormativa em seus contextos de atuação profissional? 3) Quais estratégias de regulação de gênero foram/são desenvolvidas na atuação de docentes trans\* e travestis? O estudo foi realizado por meio de entrevistas narrativas com duas professoras travestis e um professor transmasculino. Neste texto, apresento a análise inicial de entrevistas narrativas realizadas com uma das professoras.

**Palavras-chave:** transgeneridade; docência de música; gênero.

### Introdução

Esta comunicação apresenta resultados iniciais de uma pesquisa em andamento, desenvolvida no curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal do Rio Grande do Sul<sup>1</sup> sobre o tema transgeneridade e docência de música. A origem do meu interesse pela transgeneridade está ligada às inquietações sobre questões de gênero que se dilataram ao conhecer experiências e desafios de pessoas trans\*<sup>2</sup>. A partir dessas experiências pude perceber e questionar o território cisgênero e heteronormativo em que estive situada.

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

<sup>2</sup> Pessoas que não se identificam com o gênero que lhes foi atribuído ao nascer (JESUS, 2012; VERGUEIRO, 2015). Segundo Letícia Nascimento (2021, p. 18), o uso do asterisco “sinaliza a ideia de abacar uma série de identidades não cisgêneras. De modo particular, as seguintes identidades estão contempladas no termo ‘trans\*’: transexuais, mulheres transgêneras, homens transgêneros, transmasculines e pessoas não binárias”.

A ideia de cisgeneridade, concebida por Julia Serano (2007), é um convite para pessoas cisgêneras se colocarem diante de um espelho para perceber que o seu gênero é artificial, produzido (NASCIMENTO, 2021, p. 97). A experiência em me aproximar do entendimento sobre a cisgeneridade e do que não correspondia a ela, colocou-me a observar a produção de diferenças, que se expressa sob a forma de oposições binárias (WOODWARD, 2020, p. 50), em que há a criação do “outro” e da “norma”. Nesse caso, a cisgeneridade é compreendida como a norma e a transgeneridade, compreendida como “o outro”. Esse “outro”, no entanto, (re)existe.

“A dor de ser transgênero no Brasil” (GONÇALVES JÚNIOR, 2019, p. 113) não é sentida por pessoas cisgêneras (cis), mas pode ser compreendida a partir, também, de dados estatísticos<sup>3</sup> que quantificam o cis-sexismo/transfobia ao qual a comunidade trans\* e travesti é submetida. O Brasil não é um país seguro para pessoas LGBTQIA+, especialmente para a população trans\* e travesti. Em um processo que se assemelha à eugenia (BENEVIDES, 2022, p. 18), o Brasil é o país com o maior número de assassinato de pessoas trans\* no mundo (BENEVIDES; NOGUEIRA, 2021, p. 7; BENEVIDES, 2022, p. 31). O país lidera o *ranking* mundial de homicídios de travestis e transexuais, totalizando mais de 1.741 mortes no período de 2008 a 2022<sup>4</sup>.

A violência à qual a população trans\* e travesti é submetida reflete diretamente em sua qualidade de vida, provocando “um aumento das dificuldades de acesso e continuidade na formação escolar” (BENEVIDES; NOGUEIRA, 2021, p. 37). Pessoas trans\* e travestis são excluídas da família e da escola. 13 anos é a média de idade com que travestis e mulheres transexuais são expulsas de casa (BENEVIDES; NOGUEIRA, 2019, p. 32). Isso se reflete no nível baixo de escolaridade dessa população: 56% completaram apenas o ensino fundamental, 72% não completaram o ensino médio (BENEVIDES; NOGUEIRA, 2019, p. 46) e apenas 0,3% está na universidade (PORTELA; FERES JÚNIOR, 2021, on-line).

---

<sup>3</sup> Importante mencionar que faltam dados estatísticos oficiais gerados pelo Governo Federal sobre a violência sofrida pela população LGBTQIA+, principalmente pela população trans.

<sup>4</sup> Monitoramento de Assassinatos contra Pessoas Trans. *TransRespect versus Transphobia*. Disponível em: <https://transrespect.org/en/map/trans-murder-monitoring/>. Acesso em: 12 jul. 2023.

## Transgeneridade(s) na educação/ educação musical

No Brasil, os estudos sobre experiências de pessoas trans\* e travestis começam a aparecer com mais frequência a partir de 2005 (FRANCO; CICILLINI, 2016, p. 136). Os temas mais recorrentes na literatura que relaciona transgeneridade e música são as particularidades das vozes de pessoas trans\* e travestis (CALDEIRA, 2021; KIENEN; SILVA, 2020a, 2020b; MENEZES; CRUZ, 2021; MORAIS *et al.*, 2022; SMIDT, 2019), as suas *performances* artísticas na MPB<sup>5</sup> (MATTIA; PERGHER, 2017; MOREIRA, 2018; ROCHA, 2021) e as suas experiências na formação inicial em cursos de licenciatura em música (FERREIRA, 2020; SILVA; MOTA, 2021).

A literatura pertinente às pessoas trans\* e travestis na educação brasileira aponta que essas identidades representam rupturas aos princípios cisheteronormativos em contextos educacionais, evidenciando a escola como um campo de tensões e analisa causas e efeitos da exclusão escolar. As tensões, sobretudo nas escolas, ocorrem pelas proibições e punições acerca da identidade de gênero de pessoas trans\* e travestis, o desrespeito ao nome social, violências no uso dos banheiros e a reiteração de práticas escolares binárias, divididas entre meninos e meninas, que fazem com que existam casos de regulação e humilhação sobre as identidades transgêneras. A literatura indica haver necessidade de debates acerca de questões de gênero e sexualidade nos espaços de ensino (AMORIM, 2018; BARROS, 2014; BOHM, 2009; BRAGA, 2012; BRITO, 2020; PERES, 2009) e criação de espaços de ensino seguros para pessoas trans\* e travestis (BENTO, 2017; ODARA, 2020; REIDEL, 2013; SALVADOR, 2019).

Como um campo investigação em emergência, os estudos sobre a docência trans\* e travesti no Brasil buscam compreender suas experiências nos contextos em que atuam. Entendendo que docentes não se desvinculam das marcas das sexualidades e do gênero no exercício da profissão (FRANCO, 2009, p. 54), a presença de professoras travestis, na escola pode impactar a relação com estudantes, docentes e outros sujeitos envolvidos no processo educativo (ALMEIDA; MOTA, 2009; FRANCO, 2009; FRANCO, 2014; REIDEL, 2013; SANTOS, 2015; TORRES, 2010; TORRES, 2012; TORRES; PRADO, 2014). Já na área de música, os trabalhos emergentes sobre docência trans\* sinalizam as tensões e desafios encontrados na

---

<sup>5</sup> Música Popular Brasileira.

inserção profissional de docentes trans\* de música (BARTOLOME, 2016; BARTOLOME; STANFORD, 2018).

Diante desse contexto, estabeleci como objetivo geral para o estudo compreender a inter-relação ente transgeneridade e docência de música a partir da trajetória de formação e atuação de três pessoas trans\* e travestis licenciadas em música. Esse objetivo se desdobra nas seguintes questões: 1) Quais caminhos docentes trans\* e travestis percorreram para inserir-se na docência de música? 2) Como docentes de música trans\* e travestis negociam com a ordem heterocisnormativa em seus contextos de atuação profissional? 3) Quais estratégias de regulação de gênero foram/são desenvolvidas na atuação de docentes trans\* e travestis?

### Procedimentos metodológicos

A estratégia que escolhi para desenvolver a pesquisa de doutorado em andamento foi a entrevista narrativa sob a perspectiva da pesquisa (auto)biográfica. Nessa perspectiva, busca-se valorizar a subjetividade e os significados atribuídos às experiências humanas, expressos por narrativas (PASSEGGI, 2014, p. 225). Para conhecer as narrativas docentes trans\* e travestis licenciadas/es/os em música que estejam atuando na docência de música, precisei, primeiramente, localizar pessoas trans\* e travestis que se dispusessem a participar da pesquisa. Por isso, iniciei a busca por possíveis pessoas colaboradoras, em 2019, via *internet*. Essa busca se estendeu até o primeiro semestre de 2023 e não seguiu um protocolo específico.

Ao todo, encontrei 20 docentes trans\* e travestis localizadas nas cinco regiões do país, sendo a região Sudeste com mais docentes trans\* e travestis. Após a busca inicial, procurei informações<sup>6</sup> que pudessem indicar se as pessoas são licenciadas na área de música. Das 20 pessoas localizadas, encontrei informações sobre a formação acadêmica de nível superior de 18 delas. Dessas, 13 docentes têm formação superior concluída em música, sendo nove docentes licenciadas/os/es em música. Ao todo, das seis docentes

---

<sup>6</sup> Busquei por informações sobre a formação inicial das pessoas na Plataforma Lattes do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), *LinkedIn*, *Academia* e *Google*, o que me levou a *blogs* pessoais, *sites* das instituições em que trabalham ou trabalharam.



convidadas/os, três colaboraram com a pesquisa: duas professoras travestis e um professor transmasculino, que demandaram o uso de seus nomes reais na pesquisa.

As entrevistas narrativas ocorreram em duas sessões com cada participante, entre março e abril de 2023, de maneira síncrona em ambiente virtual<sup>7</sup>, gravadas em áudio e vídeo. A análise dos dados oriundos das entrevistas está sendo realizada com base nos princípios da teoria fundamentada (CHARMAZ, 2009). Neste texto, apresento parte do memorando, relacionado à etapa inicial de análise, das entrevistas narrativas realizadas com uma das professoras.

## Resultados iniciais

Ária Rita é professora de música e alaudista. Com 25 anos, ela se identifica como travesti. Nascida em Rio Grande (RS), Ária Rita mudou-se para Brasília (DF), onde começou a estudar alaúde, aos 14 anos, na Escola de Música de Brasília (EMB). Aos 17 anos, ingressou no curso de licenciatura em música da Universidade de Brasília (UnB). Atualmente, está estudando alaúde em um conservatório francês, na cidade de Besançon, e ofertando aulas de música on-line.

### Memórias da escola, memórias de *bullying*

Em sua infância, na cidade de Rio Grande (RS), Ária Rita conta que havia ausência de representação de pessoas LGBTQIA+. Neste contexto, ela conta que as experiências escolares da infância são ruins. Ária Rita se refere a si mesma na infância como uma criança muito sensível, muito tímida e estudiosa. Ela lembra que fugia dos esportes e das atividades físicas, não participando das atividades que meninos de sua escola faziam. Ela preferia ficar com as meninas, porque preferia as “brincadeiras das meninas” e gostava de “[...] ficar sentadinha, brincando de boneca, porque era mais... menos cansativo [sorriso]”.

Ela narra que, “na escola, eu sempre fui a bichinha, né? Sempre foi... é... muito... Eu sempre fui o alvo da turma em relação ao *bullying*.” A relação com a escola só mudou no ensino médio, quando Ária Rita se mudou para Brasília (DF) e foi estudar em uma escola pequena e inclusiva pra pessoas com deficiência. No período da adolescência, tornou-se

---

<sup>7</sup> Google Meet.

menos alvo de *bullying*, porque ela encontrou “[...] outras pessoas da escola que eram mais ou menos abertamente LGBT” e se tornou “mais descolada”.

### **Liberdade na universidade**

Ária Rita afirma que o *bullying* só deixou de lhe acontecer quando ela ingressou na universidade. Ela conta que a sensação, ao ingressar na faculdade, foi de alívio, porque “[...] não precisava mais lidar com a mentalidade de escola, do ensino médio e tal [...]”. A escolha pelo curso de graduação foi para dar continuidade aos seus estudos de música, já iniciados na Escola de Música de Brasília (EMB). Ainda que quisesse fazer bacharelado em alaúde ou em música antiga, sua única opção disponível era o curso de licenciatura em música. Por isso, ela lembra que, na época, “eu... Eu era um pouco avessa à educação. Não queria saber de docência e não queria saber de ensinar.”

Por mais que houvesse desmotivação inicial com a possibilidade de docência de música, logo no primeiro ano de sua graduação, Ária Rita participou do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Ela lembra que atuava em uma escola de ensino fundamental, com mais outros dois colegas bolsistas. Ária Rita se recorda da “[...] situação de desconforto e não era tanto uma preocupação minha em relação à minha função enquanto docente.”

A “situação de desconforto” pode ser explicada pela lembrança do *bullying* sofrido no espaço escolar, sobretudo, na infância, e também pelo início de seu processo de transição de gênero. Ária Rita conta que a participação no PIBID foi complicada, porque “[...] eu tinha que... que... é... ir meio que fantasiada de menino ainda, dar aula.”

### **Transicionando o gênero**

O seu processo de transição foi marcado por experimentações graduais com o próprio gênero. Paralelamente à sua atuação como bolsista PIBID e estudante universitária, Ária Rita conhecia outras pessoas LGBTQIA+ na universidade e em festas na cidade. Foi nesse período que começou a fazer *drag queen*, chamada Salomé. Ela narra que sua aproximação de sua “persona *drag*” acabou por misturar a “pessoa Eu” e a Salomé, porque ambas



habitavam o mesmo corpo. Então, conforme narra, foi nesse momento que surgiu a possibilidade de sua identificação como uma pessoa trans.

Devido à Salomé, Ária Rita conta que começou a desejar usar brincos e maquiagens na universidade, porque era um lugar “safe” para testar sua expressão de gênero. Ela revela que, lentamente, foi “[t]estando um pouco o mundo, em relação à como o mundo me aceitava à luz do dia”.

No final do primeiro ano de graduação, durante sua participação no PIBID, ela se identificava como pessoa não-binária, porém, ao fazer 18 anos, decidiu que iria se hormonizar<sup>8</sup> e que queria ser tratada no feminino, identificando-se como travesti. Nesse período, ela lembra que se articulou com movimentos de militância política. Nos eventos da universidade, em que havia escassez de pessoas trans\* para falarem publicamente, ela conta que foi sendo convidada para palestrar em eventos sobre transgeneridade. Ela pontua que, mesmo não tendo “capacitação pra falar sobre esses assuntos”, desenvolvia suas falas a partir de suas próprias experiências e do relato de outras pessoas trans\*.

Apesar de ter conseguido alguma visibilidade devido a suas falas, a sua transição de gênero “pesou bastante” em sua trajetória acadêmica, desviando o seu trajeto acadêmico e lhe ocasionando “[...] uma certa evasão escolar dentro da graduação [riso]”. Ela conta que “eu fui a primeira pessoa abertamente trans do Departamento de Música da UnB, da história do Departamento”. Ela narra que lá era um ambiente muito difícil de estar, sobretudo quando iniciou sua transição de gênero, porque era um ambiente “careta” e “muito, muito conservador”, como um reflexo no meio da música, em geral, caracterizado por ela como “muito hierarquizado, muito autoritário, muito masculino, muito heteronormativo”.

Ária Rita começou a perceber que sua transição de gênero foi encarada por colegas do curso e docentes como “um elefante na sala”. Ela narra que percebia que, mesmo já usando roupas femininas, maquiagens, brincos e com amigas/os e amigas mais próximos a chamando de Ária, “[...] os professores eles faziam caras e bocas, mas não perguntavam nada. Não... hum... Não queriam saber... não, nada. E colegas idem.” A indiferença

---

<sup>8</sup> A hormonização é uma intervenção de saúde que pode ser utilizada por pessoas trans\* e travestis que desejam modificar-se corporalmente utilizando hormônios de forma oral ou injetável. É importante ressaltar que nem toda pessoa trans\* e travesti deseja hormonização (BRASIL, 2015).



percebida, as “estranhezas” como era tratada, foram interpretadas por ela como “[...] violências eh... de olhares, violência nesse sentido de cochichos”.

Ela narra que queria “[...] viver o mundo enquanto essa minha nova identidade”, por isso começou a faltar tanto as aulas de alaúde na EMB, quanto as disciplinas do curso de licenciatura em música, o que atrasou a conclusão de seu curso. Apesar das ausências, ela continuava a frequentar a universidade, fazendo algumas disciplinas em outros cursos, como Ciências Sociais, Antropologia e Artes Visuais, onde teve discussões sobre gênero e sexualidade.

Somada às dificuldades que percebia no ambiente do Departamento de Música da UnB e no próprio meio da música, além do desrespeito ao seu nome e a “a violência que eu tinha passado a sofrer todos os dias”, Ária Rita conta que a função da música começou a se fragilizar. Ela narra que não conseguia perceber relação entre a emergência de sua transição e a música. Ela narra que foi tomada por uma “sensação de inutilidade” e se perguntava:

Pra quê que eu vou ficar aqui estudando escala num alaúde, num arquialaúde italiano do século XVII, quando tem gente que tá morrendo, quando tem gente que tá na prostituição, sem acesso à educação, sem acesso aí aos direitos básicos? [contando nos dedos].

No período compreendido entre o meio e o final de sua graduação, durante uma Assembleia do curso, Ária Rita conta que fez uma fala política direcionada ao MUS/UnB, na qual expôs a indiferença do Departamento à sua nova identidade. Após esse momento-charneira, ela comenta que colegas e docentes se referiram a ela pelo seu nome. Por essas experiências, Ária Rita conta que a licenciatura foi para ela um “período bem... é... agridoce, assim, umas coisas muito legais, mas coisas muito chatas, umas experiências muito ruins.”

### **A docência de música como um “feliz acidente”**

Ária Rita se “convenceu” de sua “capacidade” de ser docente foi a sua participação, em um curso de verão da EMB, com a professora Liana Pereira. Foi durante o curso que percebeu a possibilidade de atuação na área de ensino de música antiga, pois, até então, não





percebia conexão entre as coisas que estudava e o que aprendia na universidade, pois, em sua perspectiva, era mais vinculado à pedagogia infantil.

Conforme foi concretizando a possibilidade de ser professora de música, com ênfase na música antiga, ela começou a significar a própria música antiga para si mesma. Ela se questiona o quanto sua própria transgeneridade tem afetado o seu interesse pela música antiga, uma vez que, segundo ela, a música antiga é o lugar do “esquisito” e do “bizarro”. Segundo sua reflexão, o que é discutido em trabalho publicado e indicado por ela<sup>9</sup>, a música antiga “[...] acaba sendo um atrativo natural para quem é um pouco já... pra quem é *queer*, assim, parece.” No ambiente da música antiga, Ária Rita afirma que conseguiu alcançar conforto.

Ao iniciar a sua atuação como professora de música, ela optou por ofertar aulas particulares de música, antes da pandemia da COVID-19. A atuação na educação básica não lhe foi uma opção, porque ela refletia que, no ensino regular, haveria experiências de desconforto, visto que guarda memórias negativas da escola. Ela conta que “durante a minha experiência docente profissional mesmo, eu não tive essa experiência de... de desconforto.”

Ela lembra que começou a dar aulas para pessoas que conhecia pessoalmente. O principal meio de divulgação de suas aulas particulares de alaúde era o “boca a boca”, mas, ainda que tivesse um “número reduzido de... de seguidores” em suas redes sociais, conseguiu alguns alunos por lá. Ela afirma que se sentia à vontade com seus alunos, “porque eram pessoas que eu conhecia, que eu tinha identificação”.

Durante e após a pandemia da COVID-19, a professora investiu na divulgação de suas aulas on-line. Com as aulas em ambiente virtual, Ária Rita ampliou a possibilidade de cursos de síncronos que oferece, como aulas de alaúde, violão, teoria musical, história da música e solfejo, preparatório para provas específicas e aulas de cursos assíncronos, como teoria musical fundamental e os fundamentos da harmonia funcional.

Toda divulgação de seu trabalho advém das redes sociais. Ela analisa que a maioria dos milhares de seguidores que tem nas redes sociais não a segue devido ao seu trabalho como professora de música ou musicista, mas destaca o conteúdo que produz é sobre música. Ária Rita observa que o engajamento do público em relação aos conteúdos musicais

---

<sup>9</sup> Referência a ser adicionada depois, para manter o anonimato na etapa de avaliação.



que posta é “bem mais baixo do que outras besteiras”. Por isso, ela desenvolveu estratégias para ter mais alcance para a divulgação de seu trabalho.

A partir do público das redes sociais, a professora consegue ter estudantes particulares ou pessoas que compram seus cursos. Ela percebe que

tem gente que tem aula comigo, mais porque quer ter aula comigo, porque se identifica comigo, porque... porque se vê em mim de alguma forma, do que pelo interesse em si (na teoria musical ou violão, no que for). Assim, tipo: tem interesse na música, mas eu acho que a pessoa se sente convidada a estudar música, porque ela vê uma pessoa como ela, né, que... que ela se sente recebida pela essa oportunidade.

Ela afirma que seus estudantes são pessoas a procuraram, “[...] porque me conheceram, pelo... por quem eu sou, né?”, porque são suas seguidoras nas redes sociais. Ela constata que a maioria de seus estudantes são pessoas LGBTQIA+ e/ou neurodivergentes e maiores de idade. Ária Rita percebe que, por ser aulas particulares de música, seus estudantes “são pessoas que querem ter aula comigo, né?” e isso torna a relação diferente do que seria a relação de turma, no ensino regular.

Ela observa que seus estudantes são muito diversos entre si, com experiências muito diferentes. Por isso, ela informa que não tem um modelo padrão para conduzir todas as aulas, mas que sempre começa a aula querendo saber de como o estudante está. Ela conta que as respostas de estudantes são diferentes às suas perguntas. Em alguns casos, [...] “tem alguns alunos que sentem convidados por essa pergunta a realmente falar da própria vida”. Ela ressalta que, em especial com estudantes LGBTQIA+, passa muito tempo da aula conversando. Ária Rita reflete que essa é “pouco a função da... da aula”, principalmente para pessoas LGBTQIA+, pois a aula de música se torna um “momento um pouco terapêutico”, em que há o compartilhamento de experiências.

Ela acredita que, por conta da singularidade de ter estudantes-seguidores, há mudanças na relação professor-aluno, porque “foge do padrão esperado”. Em sua perspectiva, por segui-la nas redes sociais, seus estudantes não a têm como uma “figura de autoridade”, “professoral, docente”. Segundo ela, “não tem aquela... aquela distância, digamos, né? Aquela... aquele engessado da relação. Tudo que a gente espera, geralmente, né, de uma relação de professor e aluno.”



Apesar de observar a relação que tem com seus estudantes como “interessante”, porque “não é uma proximidade que a gente espera de uma relação... que se fossem pessoas que só me conhecessem pela... por ser professora de música”, Ária Rita conta que se sente desvalorizada em relação ao trabalho que realiza. Ela conta que a desvalorização e a frustração que sente quando publica algo relacionado à música em suas redes sociais, têm relação com a recepção do público que a segue nas redes sociais, porque algumas pessoas fazem “piadinhas” e “colocam referências que não têm nada a ver”. Ainda que compreenda que a maioria do seu público não a siga devido à música ou às aulas de música, a sensação de desvalorização existe, conforme indica, porque muitas pessoas a seguem porque ela é trans. “E aí, me vê só como tipo ‘A pessoa trans’. E aí, não me vê o... não se dá o trabalho de parar pra olhar.”

Ária Rita também lista outros obstáculos da profissão, como a instabilidade financeira, o que, segundo ela, é um comum a qualquer profissional autônomo, a questão de mercado para a música antiga e a instabilidade em não saber se terá um emprego estável na música antiga daqui há alguns anos. No entanto, ela indica que “o principal obstáculo em termos da minha docência em música”, é o receio de trabalhar em escolas de educação básica. Ela afirma que não sabe o quanto estaria disposta a trabalhar com “idade escolar”, por dois aspectos, tais como: indisposição para sofrer qualquer tipo de desconforto e transfobia, o que “eu sei que são mais escancaradas nessa... nesse demográfico, assim” e também porque se sente muito mais confortável “dando aula pra... pra adultos ou pra... ou pra jovens assim, né, adolescentes, mais de idade, digamos, acima de 16 em diante, né, e idosos”.

Apesar dos obstáculos indicados, Ária Rita indica que situações de violência já não fazem mais parte do seu cotidiano e afirma estar “muito feliz e realizada”. Atualmente, a docência de música tem sido o que mais gosta de fazer, porque é “o que mais me dá prazer hoje é... dar aula, e não tocar como eu achei que... que era antigamente”.

No conservatório francês em que estuda, Ária Rita diz que já tem toda a documentação “certinha” e que “ninguém nunca me perguntou nada, ninguém nunca precisou saber eh... nada. Podem achar estranho, podem achar alguma coisa e tal, mas não é uma coisa que me que... que me gera eh... preocupação assim, digamos.” No lugar em



que estuda, ela conta que todas as pessoas a tratam pelo seu nome e ela não precisa explicar nada para ninguém. Atualmente, ela indica que a transgeneridade “na prática, não impacta muito na... no meu cotidiano”, porque não a atinge “tanto quanto já atingiu durante a graduação”. Ela afirma que sua vida “é muito natural nesse sentido assim”, indicando que sua transgeneridade já não é mais uma questão.

## Considerações finais

O esboço biográfico apresentado indica que a trajetória de Ária Rita se desenvolveu como um pêndulo entre identificação de si mesma, seja pela transgeneridade e/ou pela música, e a construção ativa de um ambiente seguro para estar.

O caminho percorrido pela professora para inserir-se na docência de música remonta às suas memórias escolares, pois foi a partir dessas memórias que ela delimitou seus espaços de atuação, excluindo a escola de educação básica como uma opção e esse tem sido “o principal obstáculo em termos da minha docência em música”. Suas memórias escolares indicam que estão relacionadas às memórias de *bullying*, sobretudo no ensino fundamental. Em sua narrativa, é possível observar que suas memórias que a escola não é significa unívoca.

O início de sua atuação profissional como professora de música só se deu após convencer a si mesma que poderia ser professora. Ao passo que foi concretizando a possibilidade de ser professora de música, Ária Rita começou a significar a própria música antiga para si mesma. A música antiga parece ter sido o meio em que conseguiu alcançar conforto.

Sua atuação como professora de música foi sendo construída por meio de aulas particulares de alaúde para pessoas que conhecia, o que pode indicar uma estratégia de construção de um espaço seguro. Atualmente, seus estudantes são LGBTQIA+ e/ou neurodivergentes e são seus seguidores nas redes sociais, o que influencia na função da aula de música, que pode ser um “momento terapêutico”.

Ela compartilha alguns obstáculos de trabalho, como a sensação de desvalorização, devido à recepção do público das redes sociais com seu conteúdo relacionado à música. Essa recepção acontece por meio de “piadinhas”. Isso pode ser explicado, pela percepção de



outrem sobre tua identidade de gênero, pois “[e]star travesti, é ser percebida como ameaça, ou você é engraçada, ou inteligente, ou sexy ou uma bobagem qualquer, mas nunca alguém com significados que não sejam estes” (GONÇALVES JÚNIOR, 2019, p. 113). Apesar disso, Ária Rita tem estado “feliz e realizada” com seu trabalho e sua relação com estudantes, o que indica que foi construindo um ambiente seguro para si mesma.



## Referências

ALMEIDA, Neil Franco Pereira de; MOTA, Maria Veranilda Soares. Docências que transitam pelas fronteiras das sexualidades e do gênero: a escola como espaço de imposições de poderes e resistências. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPEd, 32, 2009. Caxambu. *Anais...* Rio de Janeiro: ANPEd, 2009.

AMORIM, Sylvia. *Escola e transfobia: vivências de pessoas transexuais*. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação Sexual) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2018.

BARROS, Daniela Torres. *A experiência travesti na escola: entre nós e estratégias de resistências*. 2014. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.

BARTOLOME, Sarah. Melanie's Story: A Narrative Account of a Transgender Music Educator's Journey. *Bulletin of the Council for Research in Music Education*, n. 207–208, p. 25–47, 2016.

BARTOLOME, Sarah; STANFORD, Melanie. "Can't I Sing with the Girls?" A Transgender Music Educator's Journey. In: TALBOT, Brent (Org.). *Marginalized voices in music education*. Nova Iorque, Londres: Routledge, 2018.

BENEVIDES, Bruna (Org.). Dossiê: assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2021. Brasília: Distrito Drag, ANTRA, 2022.

BENEVIDES, Bruna; NOGUEIRA, Sayonara (Orgs.). Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2020. São Paulo: Expressão Popular; ANTRA; IBTE, 2021.

BENTO, Berenice. *Transviad@s: gênero, sexualidade e direitos humanos*. Salvador: EDUFBA, 2017.

BOHM, Alessandra Maria. *Os "monstros" e a escola: identidades e escolaridade de sujeitos travestis*. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

BRAGA, Denise. A experiência transexual: estigma, estereótipo e desqualificação social no intramuros da escola. *Periferia: educação, cultura e comunicação*, v. 4, n. 1, p. 5-24, jan./jul. 2012.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Transexualidade e travestilidade na saúde*. Ministério da Saúde, Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa, Departamento de Apoio à Gestão Participativa. – Brasília, Ministério da Saúde, 194 p., 2015.



BRITO, Paulo Henrique de. *Transcidadania no armário: da invisibilidade dos sujeitos históricos à construção de direitos de alunos e alunas trans em escolas públicas*. 2020. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) – Universidade Estadual do Paraná, Campo Mourão, 2020.

CALDEIRA, Bruno. *Em que gênero eu canto? A operação do gênero na construção de performances vocais de cantoras e cantores transgêneros*. 2021. Dissertação (Mestrado em Música) – Instituto de Artes, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2021.

CHARMAZ, Kathy. *A construção da teoria fundamentada: Guia Prático para Análise Qualitativa*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FERREIRA, Tarcísio. “Todo mundo que está em volta transiciona”: um relato de experiência de um estudante trans de Licenciatura em Música. In: ENCONTRO REGIONAL NORDESTE DA ABEM, 15, 2020, on-line. *Anais...* Londrina: ABEM, 2021.

FRANCO, Neil. *A diversidade entra na escola: histórias de professores e professoras que transitam pelas fronteiras das sexualidades e do gênero*. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2009.

FRANCO, Neil. *Professoras trans brasileiras: ressignificações de gênero e de sexualidades no contexto escolar*. 2014. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2014.

FRANCO, Neil; CICILLINI, Graça Aparecida. Travestis, transexuais e transgêneros na escola: um estado da arte. *Cap. Pes.*, v. 23, n. 2, p. 122-137, 2016.

GONÇALVES JÚNIOR, Sara Wagner Pimenta. A travesti, o Vaticano e a sala de aula. *SAMANLU: Revista de Estudos Amazônicos*, v. 19, n. 1, 2019.

KIENEN, João Gustavo; SILVA, Jully Vidal Guimarães. “Pelo direito à voz identitária: caminhos da reconfiguração vocal da mulher trans. In: XXX CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, 30, 2020a, Manaus. *Anais...* Manaus: ANPPOM, 2020a.

KIENEN, João Gustavo; SILVA, Jully Vidal Guimarães. Fisiologia Vocal da Transexual. In: XXX CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, 30, 2020b, Manaus. *Anais...* Manaus: ANPPOM, 2020b.

MATTIA, Bianca; PERGHER, Paulo Henrique. “As Bahias E a Cozinha Mineira”: a Construção Da Identidade No Meio Artístico Musical. *Letras Escreve*, Macapá, v. 7, n. 3, 2017.

MENEZES, Valter Carlos De; CRUZ, Lucas Gabriell Fernandes. Gênero e voz na música: uma revisão sobre a pessoa transgênera e o binarismo homem-mulher na prática do canto. *Gênero e interdisciplinaridade*, v. 2, n. 6, p. 33–52, 2021.



MORAIS, Marina Freire Crisóstomo; SOUSA, Antonia Orlania Vieira; VIANA, Francisco Elton Freire; SILVA, Rute Bezerra da; COPAVERDE, Luiza Lobo. Desafios e estratégias na construção da voz cantada de uma mulher transgênero: um estudo de caso. In: ENCONTRO REGIONAL NORDESTE DA ABEM, 16, 2022, Natal. *Anais*. Natal: ABEM, 2022.

MOREIRA, Larissa Ibúmi. *Voices transcendentales: os novos gêneros na música brasileira*. São Paulo: Hoo Editora, 2018.

NASCIMENTO, Leticia Carolina Pereira do. *Transfeminismo*. São Paulo: Jandaíra, 2021.

ODARA, Thiffany. *Pedagogia da desobediência: transvestilizado a educação*. Salvador: Editora Devires, 2020.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Pierre bourdieu: da “ilusão” à “conversão” autobiográfica. *Revista da FAEBA - Educação e Contemporaneidade*, Salvador, v. 23, n. 41, p. 223-235, jan./jun., 2014.

PERES, Wiliam Siqueira. Cenas de exclusões anunciadas: travestis, transexuais, transgêneros e a escola brasileira. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (org.). *Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.

PORTELA, Poema; FERES JÚNIOR, João. Pessoas trans nas universidades federais do Brasil. *Grupo de Estudos Multidisciplinares de Ação Afirmativa*, on-line, 24 fev. 2021. Disponível em: <http://gema.iesp.uerj.br/infografico/pessoas-trans-na-universidades-federais-do-brasil/>. Acesso em: 14 jun. 2022.

REIDEL, Marina. *A Pedagogia do Salto Alto: Histórias de professoras transexuais e travestis na Educação Brasileira*. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

ROCHA, Rose de Melo (Org.). *Artivismos musicais de gênero: bandivas, travestis, gays, drags, trans, não-binárias*. Salvador: Editora Devires, 2021.

SALVADOR, Nayara Rios Cunha. Pessoas trans na educação básica no sul do estado do Rio de Janeiro. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2019.

SANTOS, Tiago Zeferino dos. *Quando o “estranho” resolve se aproximar: a presença da professora transexual e as representações de gênero e sexualidade no ambiente escolar*. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2015.

SERANO, Julia. *Whipping girl: a transsexual woman on sexism and scapegoating on femininity*. Seattle: Seal Press, 2007.





SILVA, Jo Muniz; MOTA, Yanaêh Vasconcelos. “COMO UM PEIXE FORA D’ÁGUA”: Narrativas de um estudante negro e trans não-binário no curso de Licenciatura em Música na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. In: CONGRESSO NACIONAL DA ABEM, 25, 2021, on-line. *Anais...* Londrina: ABEM, 2021.

SMIDT, Bê Saboya de Albuquerque. Atritos e respiros: À procura de uma possível voz não-binária. *REBEH - Revista Brasileira de Estudos da Homocultura*, v.2, n. 3, p. 119-127, set. 2019.

TORRES, Marco Antonio. A transformação de professoras transexuais na escola: transfobia e solidariedade em figurações sociais contemporâneas. *Revista Cronos*, Natal, v. 11, n. 2, p. 41-61, 2010.

TORRES, Marco Antonio. *A emergência de professoras travestis e transexuais na escola: heteronormatividade e direitos nas figurações sociais contemporâneas*. 2012. Tese (Doutorado em Psicologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

TORRES, Marco Antônio; PRADO, Marco Aurélio. Professoras transexuais e travestis no contexto escolar: entre estabelecidos e outsiders. *Educação & Realidade*, v. 39, n. 1, p. 201–220, 2014.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. 15ª ed.; 6ª reimpressão. Petrópolis: Vozes, p. 7-72, 2020.

